

O USO DAS IAS PARA A DECOLONIALIDADE NO CONTEXTO DE ELABORAÇÃO DE IMAGENS PARA CURSOS DE LÍNGUAS NA FATEC ITU; POSSIBILIDADES E DESAFIOS

THOMAS FELIPE RODRIGUES

FATEC ITU

thomasrodrig@gmail.com

Considerando o uso de Inteligências Artificiais (IAs) nos processos de elaboração de cursos de Línguas na Fatec Itu — como *Business English*, voltado aos eixos de Gestão Empresarial e de Eventos, e *English to Face Inequalities*, destinado à comunidade externa —, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre os desafios e possibilidades que envolvem a criação de imagens e conteúdos representativos da diversidade. A análise parte das contribuições de Simondon (2020), fundamentais para compreender as implicações tecnoestéticas envolvidas, para tanto apoia-se também nas perspectivas de Fanon (2005) e Faustino & Lippold (2023), que discutem a decolonialidade, a discriminação algorítmica e a cibercultura respectivamente. Para tanto considera-se que, segundo Simondon (2020), a relação entre os seres humanos e os objetos técnicos é parte inseparável do desenvolvimento cultural. Ele identifica duas tendências que comprometem essa relação: a tecnocracia, que naturaliza o uso das tecnologias sem crítica ou questionamento, e a tecnofobia, que as rejeita como ameaça à ação humana. Em ambos os casos, perde-se a oportunidade de construir uma relação mais libertadora e criativa com os artefatos técnicos. A partir dessa perspectiva, é necessário reconhecer os objetos técnicos — incluindo as IAs — como parte da cultura e da história humana, com potencial para serem reconfigurados por meio do uso crítico e da experimentação. Nesse sentido, a educação desempenha um papel essencial ao incluir a tecnologia como objeto de estudo ativo e não apenas como ferramenta. No contexto socio histórico cultural atual, as IAs transformam modos de produção de conhecimento e relações de trabalho, assumindo um papel central na organização da atividade humana e nas experiências tecnoestéticas. Entretanto, é preciso considerar que, ao gerar imagens e conteúdos, essas tecnologias frequentemente reproduzem vieses culturais e sociais. Como apontam Faustino e Lippold (2023), o combate à discriminação algorítmica exige uma abordagem crítica e subversiva, que não apenas denuncie esses padrões, mas utilize os próprios recursos tecnológicos para superá-los, o que é evidenciado durante os processos de análise e geração de imagens para os cursos analisados. A metodologia adotada neste trabalho é a pesquisa-ação, uma vez que o autor esteve diretamente envolvido na construção dos materiais didáticos e na orientação de estagiários, além de realizar observações e coletas de dados durante os processos de geração de imagens com IAs. Conclui-se que o uso de IAs na criação de materiais para cursos de línguas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) permite enfrentar problemas como a escassez de imagens que representem grupos minorizados e as restrições de direitos autorais. Contudo, esse uso deve estar ancorado em uma perspectiva crítica que questione os padrões hegemônicos reproduzidos pelas IAs. Nesse sentido, a tecnologia pode ser apropriada como ferramenta de resistência e transformação, promovendo a inclusão e a justiça social na produção de conhecimento. Referências Bibliográficas FANON, Frantz. Os condenados da terra. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. Colonialismo digital: Por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023. SIMONDON, Gilbert. O modo de existência dos objetos técnicos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Decolonialidade; Tecnoestética.